

# VIMOS NA POPULAÇÃO DE INHAMBANE

— Samora Machel

Transcrevemos a seguir o texto do discurso pronunciado no sábado passado em Inhambane, pelo Presidente do Partido FRELIMO e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, no grandioso comício popular ali realizado:

Vimos, cidadãos da República Popular de Moçambique, cidadãos da Província de Inhambane, vimos visitar a Província de Inhambane para conhecer directamente a situação; a situação política, a situação económica, a situação social. Em resumo: vimos para conhecer a vida do Povo, a perspectiva do melhoramento do nosso futuro. Como é que nós caminharemos, quais os passos que devem ser dados para o desenvolvimento social, para o desenvolvimento económico, para o desenvolvimento cultural, desenvolvimento ideológico e político. Para perspectivar o nosso futuro, futuro luminoso, futuro brilhante, futuro de esperança, futuro cheio de felicidade, futuro de fatura.

Vimos, meus amigos, para verificarmos até que ponto o Plano Estatal Central está sendo cumprido, qual o plano territorial da Província de Inhambane e como está a ser cumprido esse plano territorial, como está organizada a população, população de Inhambane para, com os seus próprios meios e o seu trabalho, a sua energia, a sua inteligência, possa vencer as dificuldades, e assim melhorar a sua vida.

É verdade que em primeiro lugar é necessário que eliminemos o responsável pelo atraso.

Quem é o responsável pelo atraso? É a ignorância, é o analfabetismo. São estes os instrumentos do subdesenvolvimento que provocam, necessariamente, a fome, a nudez, a miséria, em última análise.

Vimos também para saudar o esforço patriótico, esforço realizado pelo Povo, na defesa da Pátria contra os ataques racistas. Vimos para saudar o Povo pela sua abnegação, pelo seu apoio incondicional, pela sua determinação, pelo seu heroísmo, pela sua coragem, no apoio que deu à luta de libertação do Zimbábue para liquidação do tabaqueiro Ian Smith.

Assim o Povo de Moçambique, do Rovuma ao Maputo, incluindo a Província de Inhambane, transformaram a Pátria Moçambicana numa pátria de homens internacionalistas, de homens que fazem ou que sabem fazer da luta dos povos oprimidos, sua luta. Por isso, parabéns população da Província de Inhambane.

Na realidade, o que foi a Província de Inhambane?

Para compreender o que foi a Província de Inhambane, primeiro temos que compreender onde estamos e então deveremos compreender, procurar compreender, onde viemos.

Compreender e assumir a história;

história regista. A história e história. Páginas da história são páginas imortais. É preciso compreender e assumir a história passada, para construir a história futura.

Inhambane foi uma das primeiras zonas de penetração e conquista colonial. Olçam bem isto. Alguns orgulham-se disso: «Ah! nós fomos os

primeiros a receber Vasco da Gama». Ficar orgulhoso por ter sido o primeiro a ser escravo, não é? Orgulhar-se disso porque eu fui escravo primeiro, eu fui moleque primeiro. Orgulhar-se porque as primeiras algemas, a primeira palmatória caiu sobre ti. É orgulho isso? É motivo? É motivo de orgulho?

«Eu, sim senhor, sou o primeiro

escravo, escravo da primeira classe». Os colonialistas quiseram — olçam bem isto — os colonialistas quiseram confundir-nos para poder dividir, dizendo que Inhambane era «terra da boa».

E muitos estão aí contentes ainda. «Terra da boa gente». O que quer dizer «terra da boa gente»? O que é que significa «terra da boa gente»?

Significava para eles, que Inhambane aceitava com alegria a humilhação e exploração colonial. Entendem?

Significava que a gente de Inhambane aceitava com alegria a exploração, a dominação, a humilhação colonial.

Quando diziam «terra da boa gente» não se referiam à bondade e hospitalidade do povo de Inhambane, que são características gerais de todo o Povo Moçambicano. Com «terra da boa gente» queriam dizer que voluntariamente e com alegria aceitávamos o chibalo.

Voluntariamente e com alegria aceitávamos a palmatória, algemas; voluntariamente e com alegria deixávamos que nos amarrassem, nos algemassem, nos acorrentassem. Significava que voluntariamente e com alegria entregávamos as nossas terras a eles.

Com «terra da boa gente», os colonialistas queriam dizer que voluntária e alegremente oferecíamos as nossas filhas e mulheres, para serem violadas. «Terra da boa gente» significava isto.

Significava que voluntária e alegremente aceitávamos o racismo, a discriminação racial. Significava que aceitávamos que os nossos filhos não

tivessem escola, não tivessem hospital; significava que aceitávamos que não precisávamos de assistência médica.

«Terra da boa gente» significava para eles que nós éramos animais de carga.

Mas o chicote, a palmatória doíam nas nossas costas, nas nossas mãos. A violação das nossas mulheres faziam-nos chorar de raiva, ódio, mas diziam que somos «boa gente», «terra da boa gente».

As algemas, o chicote, a palmatória semearam o ódio no nosso coração, quebrava a nossa alma, destruiu

a nossa personalidade, a nossa dignidade, a nossa honra. Honra como homens, como Povo.

Os colonialistas utilizaram o território de Inhambane, utilizaram a traição dos régulos, esses moleques de primeira classe. Régulos, moleque de primeira classe.

Trabalho imposto e prender pessoas para chibalo e cobrar imposto, arranjar galinhas, arranjar raparigas para administradores.

Um homem que se considera inteiro, moralmente, homem adulto, cabelo branco, careca, organizar criança de 15 anos para dar ao senhor administrador.

Era assim ou não? Estão aqui alguns antigos régulos. Os que libertados, coitados, já não são mais moleques. Já têm honra esses. Fomentaram a traição dos feudais para conquistar toda a nossa Pátria mas o nosso Povo odeia a exploração, odeia a humilhação, por isso lutou e derrubou o colonialismo; por isso lutou contra Ian Smith e contribuiu para a vitória do Povo do Zimbábue.

O colonialismo fez desta região da Província de Inhambane reserva de mão-de-obra barata. Por isso organizou o desemprego nesta Província; não há estruturas, não há fábricas, não há agricultura planificada. Única fabriqueta que eu vi, foi de descaque de castanha só. Só. Vejam bem, é porque não há riqueza nesta Província? Não há riqueza?

Vocês são produtores de copra; não há fábrica para óleo. Vocês são produtores de mufura. Há uma fabriqueta que só produz mil toneladas de sabão. Aqui era reserva de mão-de-obra barata, para se recrutar milhares de trabalhadores por ano para a África do Sul. Por isso era necessário o desemprego na Província de Inhambane.

Dai o esforço do Governo para que cada província seja auto-suficiente em comida, em roupa, em calçado o mínimo. Seja auto-suficiente, mas tudo que vem para aqui, tecido, sapatinha, lenço da cabeça, capulana, calção, vem donde? De Maputo. Quer dizer a Província de Inhambane é distrito do Maputo.

Entenderam? Quem fez isso tudo, quem planificou? O colono. Aqui tinham-se fixado alguns advogados para proteger os interesses de alguns colonos que estavam aqui. Tinham-se fixado um ou dois farmacêuticos para vender medicamentos aos colonos que estavam aqui. Tinham-se fixado dois ou três advogados para defender alguns colonos que estavam aqui.

Para se recrutarem moleques e carregadores de baldes de fezes para Lourenço Marques. É ou não é? Vinham buscar nesta província. Trabalhadores de cana e outros para Beira, vendedores de ruas em Inhambane. Era preciso desemprego em Inhambane.

O desemprego a viver, as mães abandonadas pelos filhos, as noivas e mulheres sem maridos, os filhos sem pais, a nossa miséria organizada e planificada foram mina de ouro para enriquecer colonos em Moçambique e os «boers» na África do Sul.

Íamos para África do Sul cheios de esperança mas regressávamos doentes e inválidos e muitos nem sequer regressavam. Ainda hoje são visíveis as marcas da exploração e humilhação colonial.

Temos também que recordar como vivíamos do Rovuma ao Maputo antes da independência; só temos seis anos de independência mas muitos de nós já se esqueceram facilmente daquilo que foi a exploração colonial, daquilo que foi a humilhação do nosso Povo, daquilo que foi a despersonalização, daquilo que foi a violência física e ideológica do colonialismo.

Antes, só alguns assimilados; esses assimilados comiam as migalhas do banquete colonial. Viviam de restos, mas diziam eles que eram portugueses, portugueses do ultramar. «Somos portugueses da pátria uma e indivisível!».

Esses assimilados mandavam as crianças com seis anos para a escola. E a maioria? A maioria do Povo não podia fazer isso porque a escola ficava longe e uma criança com essa idade não podia fazer a caminhada. Correcto?

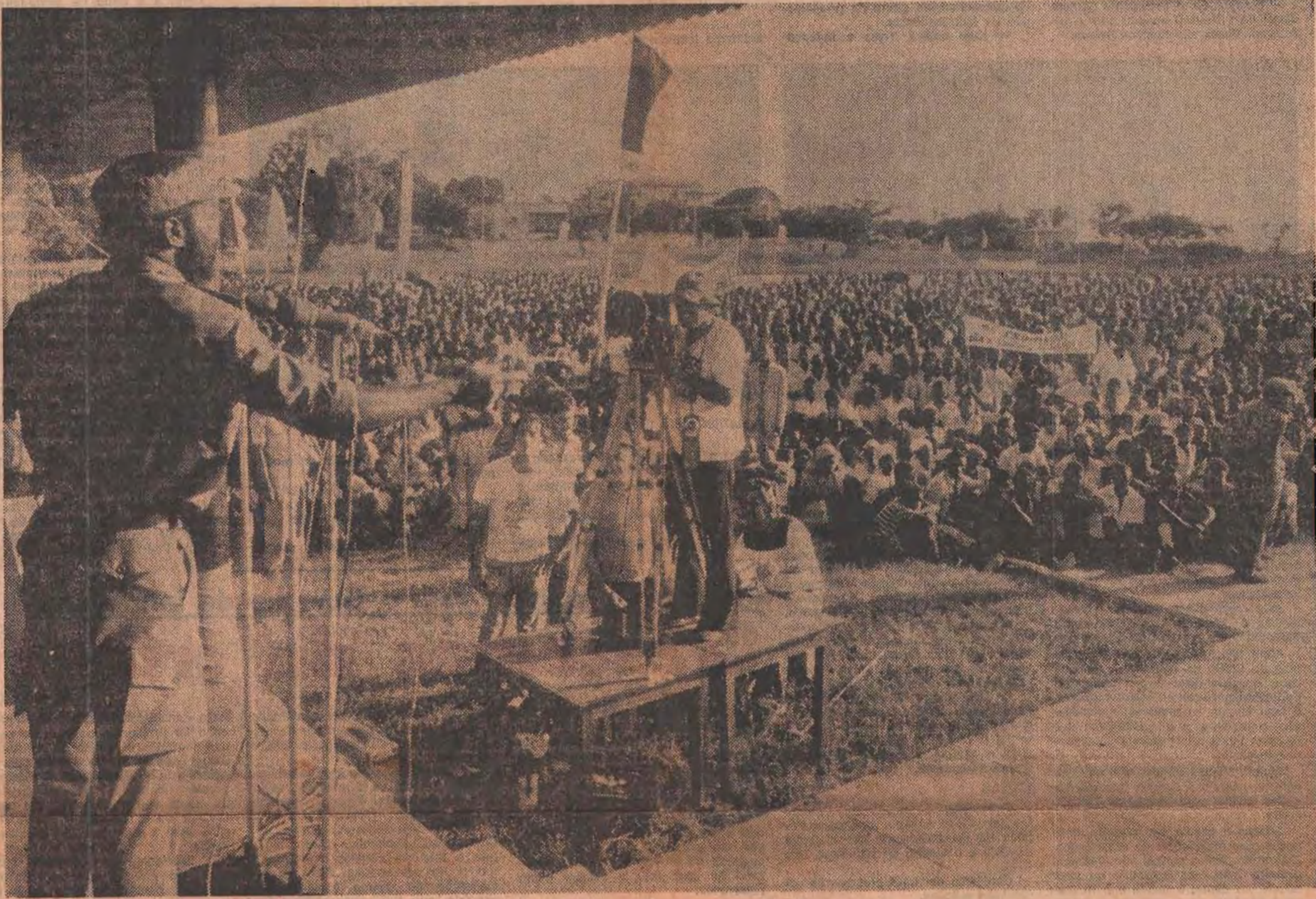
Por causa dessa ignorância vocês não explicam aos filhos quanto custou a escola. Por causa dessa ignorância, por causa desse esquecimento rápido, não são capazes de explicar quanto custou a escola, quantos morreram para que a escola fosse libertada, para que a escola deixasse de ser um privilégio mas sim uma conquista popular, um direito de todo o Povo. Porque é que não explicam aos vossos filhos? Porque é que não explicam aos filhos?

Temos escolas e os vossos filhos reprovam; temos escolas os vossos filhos destroem as carteiras, destroem os bancos, escrevem palavras obscenas nas casas de banho. Não sabem quanto custou a escola, as paredes da escola e a luta que tivemos de travar para ganharmos a escola.

É por isso que dizemos «Fazer da escola uma base para tomar o poder». Entenderam, alunos? Batalhas sucessivas, fracassos e fracassos durante décadas e décadas para libertar a escola porque a escola é onde está o segredo do homem, é a escola que nos dá a dimensão do mundo, e a escola que nos fornece os conhecimentos necessários para o aproveitamento integral da natureza em benefício do homem.

Para cultivar o milho é preciso ir à escola, para plantar coqueiros é preciso ir à escola, para poder plantar de uma maneira científica e organizada para em cada hectare sabermos quantas toneladas de copra vamos ter, em cada hectare quantos cajueiros, quais os cuidados necessários para que o cajueiro produza o necessário. É preciso ir à escola. Para plantar a mandioca e saber utilizar correctamente a mandioca, as vitaminas que tem a mandioca, a batata-doce, é preciso ir à escola.

Para semente o algodão que é para ter dinheiro, para construir a fábrica



O colonialismo vivia da nossa ignorância, da nossa miséria, da nossa dor, do nosso sofrimento



Povo moçambicano. De novo somos chamados para liquidar os bandidos armados, agentes do regime racista da Pretória, do imperialismo internacional

# O ESPÍRITO VIVO DO PATRIOTISMO

que produzirá a roupa, o fato, o lenço, capulana, a blusa, a saia, é preciso saber quantas toneladas em cada hecta, mas para isso é preciso ir à escola. O segredo está na escola e para dirigir, para defender a Pátria, para lutar contra os inimigos da Pátria, é preciso ir à escola para ter o sentido do que é a Pátria, o que é a Nação, o que é o País.

Sem a escola, os homens não são homens; são semelhantes ao homem. Ouviram?

O segredo está no livro: estimula a inteligência que nós temos aqui dentro e começamos a ter olhos de ver. Olhamos para uma casa, dizemos «esta casa está mal feita» porque já sabemos o que é uma casa, como se constrói, como se desenha uma casa; olhamos para a estrada e dizemos esta estrada está mal feita, esta casa, esta tinta é feita para esta casa e assim as mulheres saberão escolher o pó para a cara, não é verdade?

E preciso saber escolher o tipo de pó para a minha cara, para a minha pele. É por isso que na escola aprendem as cores. Quando não foi à escola não lava a cara e não penteia porque não sabe o valor de pentear, não sabe o valor de lavar a cara. Faz parte de higiene.

Agora, vejam meus amigos, porque é que o nosso Estado dá muita importância à Educação? Macaco não lava os dentes e nem sabe que é preciso lavar, não sabe.

Se tu não lavas a cara e deixas remela nos olhos, a tua cara passa a ser o transporte das moscas. Não lava a cara, não penteia, porque? Não sabe ler as doenças que isso provoca.

Por isso, meus amigos as escolas que existiam na vila não eram para nós, eram para eles: eram para filhos de colonos. Muitos de nós morriamos porque não tinhamos dinheiro para uma operação, porque não tinhamos dinheiro para extrair o dente, não tinhamos dinheiro para ir ao hospital.

A saúde e o funeral eram um negócio. Entravam em negociações para venda do cadáver. Vender um cadáver. Havia cadáveres de primeira classe, havia cadáveres de segunda, cadáveres de terceira e outros sem preço; esses iam para as valas comuns. Esses não têm túmulo, esses não têm categoria, não pesa o cadáver. Agora não sei se continua isso. Ainda há negócio? Expliquem aos vossos filhos, expliquem isto aos vossos filhos, para saberem valorizar a independência, o que quer dizer independência, o que quer dizer liberdade.

Mas não basta dizer que é independência. Esta independência de Moçambique é especial. Em muitos países independentes da África a escola continua a ser privilégio. Paga-se. Continua a ser privilégio ir ao hospital. Paga-se. Continue haver negócios de funerais, de cadáveres, em muitos países de África. Procurem saber para vocês, pediram, pedir, a pessoa que a vossa independência deu. Há muitos países da África independentes; não é por causa da independência; é por causa da Revolução que nós fazemos. Ouviram? É por causa do nosso Partido FRELIMO.

Eu passei por aqui em 1975, do Rovuma ao Maputo. Visitei as residências; os colonos ainda tinham ocupado toda esta cidade. Não havia nenhum preto. Havia?

As destruições nas escolas, os filhos quase que aprendem dos pais em casa; rasgar a rede, partir a porta, pegar a janela e fazer lenha. Banheira plantar batata-doce, quintal em vez de pó de rede, laranja, mandioca. Como vão educar os vossos filhos? Quintal é para ser machamba? Quando proclamamos a independência, meus irmãos, o nosso País era o mais pobre da África. Olçam bem isto. Só para a África do Sul iam mais de 200 mil homens por ano, para as minas da África do Sul para o carvão, para o diamante, para o ouro, para o ferro, para o cobre e outras coisas. Eu penso que são muitos que foram para África do Sul, não é verdade? Levantem os braços os que foram para África do Sul, trabalhariam na África do Sul, levantem os braços. Levantem bem. Obrigado meus amigos.

O nosso País era o mais pobre, quando proclamamos a independência. Não tinhamos escolas, não tinhamos hospitais, não tinhamos casas. Por isso, por isso, não podemos esquecer.

O colonialismo vivia da nossa ignorância, da nossa miséria, da nossa dor, do nosso sofrimento. O colonialismo fomentava o obscurantismo e a superstição. Este era a cultura deles.

Obscurantismo, superstição é a cultura deles.

Hoje o que somos? Olçam bem. Hoje o que somos? Hoje somos homens livres, somos homens independentes, somos um Estado soberano. Hoje 130 mil crianças aqui frequentam escolas primárias em Inhambane, o que significa três ou quatro vezes mais do que no tempo colonial.

Hoje, os hospitais são abertos ao povo. Hoje vivemos em casa onde ontem eram moleques e vivíamos no quintal. Acabámos com o comércio da moeda.

Na nossa visita vimos que a FRELIMO uniu solidamente o Povo. Todos vivem os problemas do Rovuma ao Maputo, problemas nacionais.

Assistimos muito a isso, quando Gaza era atacada. Cabo Delgado, Niassa mexiam-se. Quando Smith atacava Inhambane, Mabote, e outros

para a construção de um Moçambique um, próspero e forte, Moçambique em paz.

Vimos na população de Inhambane, o espírito vivo de patriotismo, do orgulho de serem moçambicanos, da firme vontade de defender a Pátria. Vimos um povo generoso, trabalhador, honesto, inteligente.

Por onde passámos, fomos galvanizados pelo entusiasmo popular. Fomos acarinados. Vimos mais estimulados pela confiança que o povo manifesta no seu futuro, confiança em libertar-se do subdesenvolvimento.

A Província de Inhambane não é pobre como se dizia. Diziam que Inhambane não pode produzir milho, Inhambane não pode produzir batata. Inhambane não pode criar gado. Inhambane não pode ser irrigado. Constatámos o contrário. Vimos que a Província de Inhambane

é para exportar para outras províncias. Esta província pode ser celeiro. Produzir para consumir, produzir para exportar. A riqueza, portanto existe.

E com a nossa inteligência, e o nosso trabalho, que darem as pernas à riqueza, a riqueza também deve andar. Entenderam? Colocar as pernas na nossa riqueza para poder marchar. Está adormecida lá em baixo da terra; em cima e em baixo da terra, a riqueza está adormecida porque não colocámos as pernas para marchar.

E com o nosso trabalho árduo que construímos a nossa felicidade e a felicidade dos nossos filhos. A luta pelo bem-estar vai exigir dedicação, vai exigir confiança na vitória, vai exigir sacrifício. Não há vitória sem sacrifício.

Precisamos de gente capaz. Capaz

aqueilo que são os bandidos armados. As populações disseram em Mambone, em Homoine e Vilanculos: «os bandidos são gente sem qualquer objetivo. Os bandidos matam e saqueiam tudo o que é do Povo; é gente que não quer trabalhar, que quer viver à custa do trabalho dos outros; é gente preguiçosa. Comete atrocidades contra a população, arrancam a roupa das mulheres; violam-nas em frente dos seus maridos; cortam os seios das mulheres; cortam as orelhas, cortam o nariz, assassinam crianças, assassinam velhos, raptam professores e alunos e matam; raptam enfermeiros, as parteras, enfermeiras, destroem as sedes do Partido e das Assembleias do Povo. Raptam e assassinam secretários dos grupos dinamizadores, membros do Partido, deputados.

é ameaça; esta presença aqui já é ameaça forte para o imperialismo. Mas nós dizemos: triunfaremos. Nós venceremos. Não há dúvida nenhuma. Venceremos o colonialismo, venceremos Ian Smith.

Atacam-nos para atrasar o desenvolvimento económico, para manter o nosso País subdesenvolvido, para manter o nosso País dependente do imperialismo, directamente da África do Sul.

Nós lutámos e derrubámos o colonialismo português. Depois da independência lutámos, derrubámos o regime do Mambone, do Mambone, do Mambone, do Mambone.

Hoje somos novamente chamados, meus amigos. Povo moçambicano, de novo somos chamados. Desta vez para liquidar os bandidos armados, que são agentes do regime racista e minoritário de Pretória, agentes do

arranca um dente, nós cortaremos o braço; quem nos arranca um olho, nós cortaremos a cabeça.

E quem nos corta as pernas, nós pulverizamo-las. Sabem o que é pulverizar? Não como no hospício quando deitam remédio. Pulverizar significa esmagar e tornar em pó. Assim, esmagá-lo, e torná-lo em pó. Pulverizar, já é um termo político, não é de enfermagem.

Por isso esta atitude é uma atitude heroica. É uma atitude reveladora da profunda consciência patriótica do Povo, do orgulho de serem moçambicanos e da determinação para liquidar tudo aquilo que constitui obstáculo para o progresso, para o desenvolvimento, para a paz e o bem-estar do Povo.

Seremos portadores dessa mensagem para a Direcção do nosso Partido e Estado.

Como dissemos no início, vimos Inhambane, para conhecer a realidade da província, constatar com o Povo os problemas existentes.

Contactar com o Povo e nele nos inspiramos, como já é tradição da Direcção do nosso Partido. Os dirigentes da República Popular de Moçambique inspiram-se junto do Povo. É o Povo que sabe, é o Povo que faz a história.

E o Povo que nos ensina como lutar, como vencer, como defender a Pátria. Por isso pensamos que atingimos os objetivos da nossa visita. Saímos mais confiantes, mais convictos da vitória, na batalha dura que travamos contra o subdesenvolvimento.

População da Província de Inhambane, vimos, desde a nossa chegada, no rosto das mulheres, das crianças a alegria da vida desta bela terra de Inhambane.

Vimos velhos, homens, mulheres, jovens acompanharem-nos, correndo longas distâncias, numa manifestação de vitalidade e de firmeza da nossa revolução.

Ouvimos o som melodioso da nossa mbila, entoar os mais belos cantos desta nossa Pátria, hoje libertada. Juvimos pela voz dos nossos velhos a trovoada, as histórias da resistência do sofrimento e da alegria, da liberdade conquistada pelo nosso Povo. Ficámos entusiasmados com o movimento harmonioso das nossas belas bailarinas, proporcionando-nos momentos altos de prazer e de orgulho, pela nossa cultura.

Recebemos das vossas mãos generosas e trabalhadoras ofertas e recordações que nunca mais se calarão no fundo dos nossos corações.

Substanciamos a nossa boa comida, a vossa comida bem temperada, bem confeccionada, com carinho próprio da já bem conhecida culinária de Inhambane.

Por todos os locais em que passámos, a população matou-nos a sede com água de lanho.

Retiremos deste mar que é nosso o peixe que necessitamos. Façamos desabrochar as imensas potencialidades adormecidas e que a iniciativa criadora do Povo seja o ponto de partida do nosso esforço na luta contra o subdesenvolvimento.

Por isso dizemos Khanimambo população de Inhambane, por esta lição; lição bela de maturidade política e consciência patriótica. Khanimambo população de Inhambane pela forma calorosa e acolhedora com que fomos recebidos em toda a parte. Vimos as nossas belas crianças, vimos as nossas bonitas mulheres a sorrir e a acenar a mão. Este acenar de mão significa esperança, significa o futuro, futuro luminoso, futuro belo que será a nossa Pátria, será o cravo que nunca se fecha, sempre aberto. O cravo que não seca. Será o Sol, o Sol do meio-dia. O Sol que sempre nasce e nunca se esconde. Por isso, obrigado população de Inhambane.

Nós transmitiremos às outras províncias esta bela lição de como se comporta, a disciplina, a organização. O silêncio que está aqui como se fossem três pessoas, quando são dezenas de milhares de pessoas, mas todos gritando: A Luta Continua! A Revolução Vencerá! O Socialismo Triunfará! Muito obrigado.



Mas nós dizemos: triunfaremos. Venceremos. Vencemos o colonialismo. Vencemos Ian Smith

lugares da província, Tete, Zambézia, Nampula, mexiam-se; significa que a FRELIMO uniu solidamente o nosso Povo do Rovuma ao Maputo.

É o que somos hoje. Hoje já não somos mutsonga. Vocês adulteram. Dizem bitonga; não é bitonga, não. Mutsonga. Hoje já não somos mutsonga, hoje já não somos chope. Somos o quê? Moçambicanos. Liquidámos o tribalismo, que era a política de divisão e para oprimir; liquidámos o regionalismo, liquidámos o racismo.

Somos todos o Povo moçambicano. Encontrámos, sim, hoje, moçambicanos; encontramos unidos na cultura. Vimos em Inhambane danças de Tete, danças de Cabo Delgado, danças de Manica, danças de Sofala, ontem em Homoine.

Encontrámos o desejo e vontade, vontade e progresso, de combate contra a exploração, de luta contra o subdesenvolvimento. É o que já encontramos neste País.

Encontrámos o desejo e vontade, determinação para a luta contra a fome, a miséria, o desemprego.

Vimos a determinação comum de todo o Povo do Rovuma ao Maputo

de fazer o quê? Precisamos de gente capaz, de gente competente, de gente dedicada, que não vacila perante as dificuldades, nem trai.

A população de Inhambane já demonstrou a sua capacidade e por isso estamos confiantes que vamos vencer essa batalha porque a Província de Inhambane será uma província próspera, onde viremos descansar com os nossos amigos de outros países, entenderam?

Sobre os bandidos: não há desenvolvimento sem paz. Para o desenvolvimento do nosso País, é fundamental haver segurança e tranquilidade, de desassossego, da instabilidade.

Por isso em Novembro tivemos que desencadear a ofensiva no seio das Forças Armadas, no seio das Forças de Segurança, no seio das Forças Policiais porque comportavam-se como bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já

destrói e saqueia casas, marchas, celeiros da população; destroem escolas e hospitais. As populações disseram-nos ainda que os bandidos são agentes sul-africanos, antigos pides, antigos régulos, marginais, vagabundos e criminosos.

Mas os bandidos não são todos estrangeiros. Muitos são moçambicanos, nossos filhos, primos, cunhados, tios; são nossos parentes que se tornaram inimigos. Pais, pais, pais, hoje nos roubam, violam e assassinam. Temos que mover uma luta sem tréguas aos bandidos, uma luta que faça desaparecer os focos da intranquilidade, do desassossego, da instabilidade.

O nosso País está em guerra permanente contra o imperialismo. É o imperialismo que prepara, que treina, que alimenta e serve de abastecimento aos bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já

destrói e saqueia casas, marchas, celeiros da população; destroem escolas e hospitais. As populações disseram-nos ainda que os bandidos são agentes sul-africanos, antigos pides, antigos régulos, marginais, vagabundos e criminosos.

Mas os bandidos não são todos estrangeiros. Muitos são moçambicanos, nossos filhos, primos, cunhados, tios; são nossos parentes que se tornaram inimigos. Pais, pais, pais, hoje nos roubam, violam e assassinam. Temos que mover uma luta sem tréguas aos bandidos, uma luta que faça desaparecer os focos da intranquilidade, do desassossego, da instabilidade.

O nosso País está em guerra permanente contra o imperialismo. É o imperialismo que prepara, que treina, que alimenta e serve de abastecimento aos bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já

destrói e saqueia casas, marchas, celeiros da população; destroem escolas e hospitais. As populações disseram-nos ainda que os bandidos são agentes sul-africanos, antigos pides, antigos régulos, marginais, vagabundos e criminosos.

Mas os bandidos não são todos estrangeiros. Muitos são moçambicanos, nossos filhos, primos, cunhados, tios; são nossos parentes que se tornaram inimigos. Pais, pais, pais, hoje nos roubam, violam e assassinam. Temos que mover uma luta sem tréguas aos bandidos, uma luta que faça desaparecer os focos da intranquilidade, do desassossego, da instabilidade.

O nosso País está em guerra permanente contra o imperialismo. É o imperialismo que prepara, que treina, que alimenta e serve de abastecimento aos bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já

destrói e saqueia casas, marchas, celeiros da população; destroem escolas e hospitais. As populações disseram-nos ainda que os bandidos são agentes sul-africanos, antigos pides, antigos régulos, marginais, vagabundos e criminosos.

Mas os bandidos não são todos estrangeiros. Muitos são moçambicanos, nossos filhos, primos, cunhados, tios; são nossos parentes que se tornaram inimigos. Pais, pais, pais, hoje nos roubam, violam e assassinam. Temos que mover uma luta sem tréguas aos bandidos, uma luta que faça desaparecer os focos da intranquilidade, do desassossego, da instabilidade.

O nosso País está em guerra permanente contra o imperialismo. É o imperialismo que prepara, que treina, que alimenta e serve de abastecimento aos bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já

destrói e saqueia casas, marchas, celeiros da população; destroem escolas e hospitais. As populações disseram-nos ainda que os bandidos são agentes sul-africanos, antigos pides, antigos régulos, marginais, vagabundos e criminosos.

Mas os bandidos não são todos estrangeiros. Muitos são moçambicanos, nossos filhos, primos, cunhados, tios; são nossos parentes que se tornaram inimigos. Pais, pais, pais, hoje nos roubam, violam e assassinam. Temos que mover uma luta sem tréguas aos bandidos, uma luta que faça desaparecer os focos da intranquilidade, do desassossego, da instabilidade.

O nosso País está em guerra permanente contra o imperialismo. É o imperialismo que prepara, que treina, que alimenta e serve de abastecimento aos bandidos; é a logística. É o imperialismo.

A África do Sul é uma simples potestade lançada pelo imperialismo porque aqui se constrói o socialismo, igualdade entre os homens, terra sem exploração do homem pelo homem; cada um tem de trabalhar. Por isso odeiam-nos. Só a nossa presença já



Recebemos das vossas mãos generosas e trabalhadoras ofertas e recordações que nunca mais esqueceremos



Khanimambo população de Inhambane pela forma calorosa e acolhedora com que fomos recebidos em toda a parte